REVISTA DON DOMÊNICO
Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Faculdade Don Domênico
7ª Edição – Junho de 2015 - ISSN 2177-4641

# O SER-NO-MUNDO COMO CONSTITUIÇÃO FUNDAMENTAL DA PRESENÇA – UMA ANÁLISE DO SER EM UMA PERSPECTIVA HEIDEGGERIANA

**Adriano Martins Soler**[1]

**Resumo**

O presente artigo apresenta uma releitura estrutural ontológica do segundo capítulo da obra Ser e Tempo de Martin Heidegger. Nele apresentamos a visão do ser presente no mundo e suas possíveis variações interacionais dentro do pensamento do autor, bem como o fato deste ser se tornar importante constituinte de uma presença fundamental. Podemos observar o caráter ontológico do texto, a partir das diferentes perspectivas de uma apresentação do ser indicadas no decorrer da leitura, a qual finaliza encontrando a situação deste ser em um espaço-tempo.

**Palavras chave**: Heidegger – Ser – Tempo – Ontologia

**Abstract**

The present article presents an ontological structural reinterpretation of the second chapter of the work Being and Time by Martin Heidegger. In it we present the vision of being present in the world and its possible variations within the interactional author's thought, and the fact that this is becoming an important constituent fundamental presence. We can observe the ontological character of the text, from the different perspectives of a presentation to be given during the reading, which finalizes finding this to be the situation in a space-time.

**Keywords**: Heidegger – Being – Time - Ontology

[1] Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Especialista em Metodologia de Ensino de Filosofia e Sociologia. Graduado em Filosofia, Direito, Pedagogia e Teologia. Atualmente é Professor de Filosofia na Faculdade de Educação, Ciências e Letras Don Domênico em Guarujá/SP, Professor de Filosofia do Direito no Grupo Educacional Uniesp em Guarujá/SP e na Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo.

REVISTA DON DOMÊNICO
Revista Eletrônica de Divulgação Científica da Faculdade Don Domênico
7ª Edição – Junho de 2015 - ISSN 2177-4641

## 1. Introdução

> *O ser é o que se consolida nesse relacionamento entre sociedade, linguagens e cultura e não qualquer coisa em torno da qual nós nos movimentamos como formigas sobre a pele de um elefante.* (VATTIMO, 2001, p.6)

O presente trabalho tem como função fazer a análise da ideia de Ser-no-mundo como constituição fundamental da presença apresentada no segundo capítulo da Parte I da obra Ser e Tempo de Martin Heidegger. Para tanto apresentaremos primeiramente na Introdução um panorama da obra supracitada para assim, entrarmos no problema em si.

A obra "Ser e Tempo" foi publicada em 1927 e é encarada como um marco na história do pensamento ocidental, trazendo para nós uma resposta a questão do sentido do ser.

De acordo com Heidegger, a pergunta sobre o ser não deve ser norteada no ser daquele ente que são as coisas e que por isso é uma simples presença no mundo, mas sim no ser daquele ente que é o homem, que é aquele que teria a capacidade de perguntar a si mesmo sobre o ser. O ser do homem não é uma simples presença no mundo, é um Ser-aí (Dasein), sua existência é definida a partir do entendimento de que tipo de coisa ele é, ressaltando que, ele é o que ele mesmo define, e essa definição é sempre projeção. Essa projeção porém, está sujeita a três condições – que são limites também – que veremos a seguir:

**I** O ser-aí é um ser-no-mundo: Podemos enxergar a primeira condição e limites dessa projeção como sendo a "facticidade", temos por isso o conjunto de acontecimentos circunstanciais que fazem com que um homem projete algumas coisas e outras não e assim, seja capaz de alcançar algumas e não outras. O fato de o homem ser um ser-no-mundo faz com que seja alcançada da possibilidade da facticidade. Heidegger não fala em homem no abstrato, fora de uma realidade específica, para ele ser homem é situar-se em uma realidade mundana em particular, que é o que ele chama de mundanidade. Ainda na sua obra, percebemos Heidegger falando sobre mundanidade como condição que seria uma situação a partir da qual certas projeções podem ser possíveis e sobre mundanidade como limite que

diferentemente da primeira, seria uma situação a partir da qual certas projeções se tornam impossíveis.

**II** O ser-aí é um ser-com-os-outros: O mundo-da-vida é a segunda condição limite da projeção ontológica, que seria aquela rede de crenças, valores e afetos que os homens compartilham em seu meio social, rede esta que é ao mesmo tempo matéria-prima de projeções e limite para elas. O homem é, em um sentido existencial, um ser-aí que se alimenta de uma gama de imagens e motivos pré-existentes a ele e que está intrínseco no próprio homem ao fazer parte de um mundo social. Cabe mencionar que esse mundo-da-vida que é visto como condição e limite existencial do homem em Heidegger é o ponto de partida da noção de "tradição" de Gadamer.

**III** Ser-aí é um ser-para-a-morte: Está é a terceira condição da projeção heideggeriana que consiste na finitude temporal que é imposta ao homem a partir da certeza que se vai morrer um dia. A ideia de uma projeção perpétua não implica em uma eterna projeção, é uma projeção constante, mas somente enquanto durar a vida. A morte por si só é apenas um elemento da facticidade, entretanto a consciência e a certeza da morte é algo distinto, sem estas não teríamos pressa em projetar nem de realizar o que fora projetado, e esta pressa só é mantida porque a despeito de termos consciência e certeza da morte, não temos consciência, nem tampouco certeza da *data* da morte, tornando o amanhã incerto. Essa consciência que torna o amanha incerto é o que pressiona todo período de vida a ser constantemente realização de projetos. Há uma série de mecanismos em nossa civilização que inibe a força opressora da morte, porém o homem nunca deixa de ser assolado, de tempos em tempos, pela experiência da angústia. A angústia reconecta o homem com seu ser-para-a-morte fazendo com que ele rememore a sua incontornável condição de ser-aí.

Quando observamos o desenvolvimento de uma maneira mais pormenorizada dessa analítica existencial, dessa enumeração e revelação das condições e limites do Ser-aí do homem, enquanto ente que faz pergunta a si sobre o ser, é o que leva Heidegger a inverter o sentido comum entre Ser e Tempo, a partir desse momento, com a reflexão de Ser e Tempo, é possível visualizar o tempo como a condição para existência do ser, entendendo que seja a partir do ser do ente que se pergunta sobre o ser, ou seja, a partir do ser do homem, chegamos

ao Ser-aí. Evidentemente que somente no tempo é que o Ser-aí pode se projetar, é no tempo que podemos enfrentar com o mundo em busca de seu projeto projetado, só no tempo, juntamente com sua consciência e certeza da morte é que podemos reencontrar o sentido do seu Ser-aí para além de toda ilusão ou esquecimento. E a conclusão que chegamos a partir da leitura do texto é a ideia de que o tempo deixa de ser o temido inimigo do ser e passa a ser seu aliado necessário.

## 2. Contextualização estrutural de Ser e Tempo

Na obra Ser e Tempo percebemos que Heidegger tem um objetivo específico e primordial que seria uma exposição antropológica e filosófica sobre a problematização do ser, analisando e pesquisando sobre seu sentido, utilizando de artifícios próprios da ontologia para estabelecer um distinto posicionamento entre ser e *ente*, a fim de atestar a ideia de tempo como horizonte de entendimento do ser.

Tal demanda por aclarar o entendimento do ser tem início na filosofia grega. Na busca dos gregos para achar um esclarecimento propício a seu respeito, surgiram determinados axiomas que findaram por estagnar toda e qualquer busca a respeito do ser. Logo de início, observamos o entendimento de que o ser é a ideia mais generalista e mais desprovida de conteúdo, que resiste a quaisquer possibilidades de definição. Posteriormente, percebemos que o ser se desdobra de uma forma conceitual de acordo com gênero e espécie, sendo que seu absolutismo ultrapassa toda a universalidade generalizada. Finalmente, de que o ser é uma ideia incontestável por si mesmo, entendendo que todo conhecimento apresentado ou modo de se relacionar com os entes e até mesmo em um relacionamento consigo mesmo, é necessário que se faça utilização do ser.

Tal manifestação do pensamento clássico sobre o ser é alvo de duras críticas por parte de Heidegger, para ele tais pensamento trouxeram severos transtornos, que dificultaria uma

pesquisa com foco no entendimento do ser. Consequentemente, observamos uma obliteração do ser, que o autor pretende redimir.

A demanda que encontramos nesse questionamento não nos é de todo estranho, ainda que, em um primeiro instante seja algo de difícil apreensão. Indagamos pelo ser, este que define o ente como ente, afinal ele está inserido em qualquer debate que façamos ou que venhamos a fazer. Entretanto, o ser dos entes não são em si mesmo outro ente.

Tal debate é de extrema importância, pois tem o intuito de atender às disposições *a priori* de probabilidade não apenas das ciências que desenvolvem estudos sobre os entes, e que ao desenvolvê-las, se voltar para um entendimento do ser. A problemática do ser indica as condições estimativas presentes nas diversas ontologias que precedem e estabelecem as ciências conhecidas como "ônticas".

> A investigação ontológica que se compreende corretamente confere à questão do ser um primado ontológico que vai muito além de simplesmente reassumir uma tradição venerada e um problema até agora sem transparência. (HEIDEGGER, Ser e Tempo, p.47)

Proceder com a observação, a compreensão e a escolha, são ações que formam o indagar acerca do ente, entendendo que no mesmo momento são as maneiras de ser de um ente específico, que este se questiona. Assim, para a elaboração de uma questão sobre o ser, se faz necessário tornar transparente um ente que tenha condições de exercer a ação de indagar em ser ser e no mesmo momento se pronunciar sobre ele.

Na tentativa exaustiva de alcançar uma resposta para tal questão, Heidegger apresenta aquilo que ele chama de Dasein - cuja tradução na versão em português é o ser-no-mundo, tradução esta que a despeito de sua imprecisão ontológica, iremos utilizar no decorrer do artigo - que estabelece um relacionamento com o ser e indagar pelo ser. O ser-no-mundo tem a primazia ontológica como sendo sua existência explicada no espaço temporal. O questionamento sobre o ser deve ser explicado de uma modo metafísico, indo além da exterioridade, da fragibilidade das aparências, situação que nos faz perceptível o

discernimento do cuidar que implicaria em temporalidade, em uma constituição estrutural do homem.

Em relação à primazia ôntica, o ser-no-mundo, não é somente um ente que ocorre entre outros entes. Ele tem o privilégio do seu próprio ser estar em discussão. É pertencente à estrutura constituinte de ser do ser-no-mundo, estabelecer uma relação de ser com seu próprio ser.

Desta forma, podemos depreender que a função do ser-no-mundo está totalmente orientada no sentido de conduzir a elaboração sobre a problemática do ser, tomando por base uma visão analítico-existencial, que não tem o intuito de estabelecer uma ontologia completa a respeito do ser-no-mundo. Esta torna explícita o ser desse ente, o que lhe cabe é tornar livre o cenário para a mais originária das interpretações do ser.

A questão temporal será apresentada como o modo desse ente que chamamos de ser-no-mundo, desta maneira, é feita uma investigação ontológica concreta no cenário liberado pelo tempo com uma pesquisa sobre o sentido do ser.

O ser-no-mundo indaga o ser, em um relacionamento com os demais entes. Entendê-lo é também compreender os outros entes presentes no mundo. Assim, tem a possibilidade de estabelecer de maneira autêntica um padrão de vida. Ressaltamos que o ser-no-mundo, entende a si mesmo, a partir de uma relação estabelecida com os entes que ele passa a conviver no cotidiano do mundo que está inserido, sendo que sua presença no mundo é estabelecida a partir de uma variada interpretação e está se defronta com diversas dificuldades em seu modo de ser.

Percebemos neste momento, que através da ontologia do ser, Heidegger tem como intuito demonstrar uma relação do ser humano com o mundo e com os outros, isso fica claro, quando passa a interpretar o ser, tomando por base, o ser-no-mundo. Sua disposição resultou em novas formas de ver na demanda de revelar o ser, uma vez que, sua intenção de rever o que defenderam os antigos através do método da fenomenologia, nos ofereceu nova perspectiva sobre a tão demandada questão do sentido do ser.

## 3. Ser-no-mundo como constituição fundamental da presença

Entramos agora na análise da ideia apresentada no título. Como mencionamos anteriormente o termo que o autor usa originalmente é a expressão DASEIN, que por opção nossa, trocaremos pela expressão traduzida para a versão em português, expressão essa chamada de ser-no-mundo. Vejamos então o que é essa presença para podermos chegar a sua constituição. Heidegger considera a presença um ente especial, um ente que é, em si mesmo ontológico, na proporção que é o único ente de cujo ser faz parte uma abertura originária ao modo de ser de todos os entes. A presença constitui um ente que, a partir da compreensão do seu ser, com ele se relaciona e comporta, indicando assim o conceito formal de existência. A presença é o ente que sempre eu mesmo sou.

Para podermos compreender melhor o ser da presença devemos ter por base a constituição ontológica que observamos no ser-no-mundo. Antes de qualquer coisa, devemos entender que essa ideia de ser-no-mundo quer apontar para nós uma característica de unidade. Apesar de haver uma multiplicidade de momentos estruturais que formam a composição desta constituição de ser-no-mundo, não é possível dissolvê-la em elementos. Tal fenômeno pode ser visto a partir de três pontos:

1. O “em-um-mundo” a partir desse ponto devemos analisar a estrutura ontológica de mundo, determinando assim a ideia de mundanidade como tal, assunto que Heidegger aborda com maior propriedade no terceiro capítulo da primeira parte de Ser e Tempo.
2. O ente que sempre é a partir do modo de ser-no-mundo. Pesquisamos nesse momento o que queremos saber quando perguntamos “quem?”. Procuramos buscar entender *quem* é e *quem* está no cotidiano da presença. Heidegger se aprofunda nesse ponto no quarto capítulo da primeira parte de Ser e Tempo.
3. O ser-em como tal; Devemos nesse ponto apresentar a constituição ontológica do próprio *em*. Esse momento constitutivo destacam os demais, fazendo com que

> possamos observar todo o fenômeno individualmente. O ser-no-mundo é restrito ao tratar de forma completa o seu ser, ainda que, seja uma constituição necessária da presença. Tal assunto é assunto no capítulo quinto da primeira parte de Ser e Tempo.

Podemos simplificar o apresentado acima afirmando o primeiro como o mundo em que o ser é, o segundo o quem que é no mundo e o terceiro como o modo de ser-em si mesmo.

Mas, ainda tratando do "ser-em", podemos perceber que Heidegger, o trata como uma constituição ontológica da presença sendo um existencial. O ser-em, não é e não pode ser encarado como um ser-dentro ou ainda como algo "dentro de outro", o em não tem uma significação espacial, não tem relação com morar ou habitar algo. O ente que pertence ao ser-em é o ente que sempre eu mesmo sou. O ser-em, afirma Heidegger, é a expressão formal e existencial do ser da presença que possui a constituição essencial de ser-no-mundo.

O "ser-junto" ao mundo está no sentido de empenhar-se no mundo, tal principio deve ser interpretado como um existencial fundado no ser-em. Trata-se de enxergarmos uma estrutura originária do ser da presença, entendendo que o conteúdo fenomenológico deve ser articulado pelos conceitos ontológicos.

Devemos esclarecer que os movimentos mencionados acima (ser-em e ser-junto) não tem entre si anterioridade. Heidegger afirma que dizer que o homem "tem um mundo", nada significa, do ponto de vista ontológico, enquanto não ficar claro o caráter desse ter.

Cabe ressaltar que nossa primeira experiência com o mundo não é epistemológica, ela se dá pelo "manuseio" dos entes que vêm ao encontro do mundo, com *instrumentos*, e chamamos de *ocupação* esse modo de ser-em. Mas o que seriam esses *instrumentos*? Heidegger afirma que não são apenas os objetos que utilizamos para fazer algo, mas tudo com que nos deparamos em nosso mundo e assume um sentido dentro dele.

Desta forma, podemos afirmar que a presença se "absorve" de modo não temático, no todo instrumental. Tal inserção é, existencialmente, a forma mais profunda de conhecimento. Igualmente, há outros modos de ser-em que apreendem melhor, do ponto de vista ontológico,

a região do ser que chamamos de “psique”, porém, por ser uma apreensão ontológica, baseada no modo do ser-no-mundo, corrige o caráter substancialista que costuma acompanhar a tematização do psiquismo.

Concluímos com o entendimento citado por Heidegger que o conhecer é um modo da presença fundado no ser-no-mundo. É por isso também que, como constituição fundamental, o ser-no-mundo requer uma interpretação preliminar.

## 4. Considerações finais.

Ser e Tempo é uma obra de considerável complexidade muito bem engendrada a fim de apresentar o Tempo como auxiliar do Ser e como esse Ser está presente no mundo. Heidegger passei de maneira fenomenal por toda a estrutura histórica que compõe uma problematização sobre o ser. Tal questionamento está longe de se esvair, o propósito de entender como o ser se manifesta no tempo, qual sua realidade ontológica e como pode ser seu desdobramento histórico é de perspicaz e atual.

Parece-nos que a maneira como o ser interage com o mundo, primeiramente a partir de sua relação com os instrumentos e posteriormente com o conhecimento, torna uma forma simples de entender como funciona esse esquema homem-mundo. Essa crítica existencialista que finda em uma consciência da existência surge como uma forma de percebermos todo o desenvolvimento do pensamento de Heidegger.

A ideia de chegar a um sentido do ser é tão presente nessa obra quanto a visão de uma leitura do tempo como a horizonte possível de toda e qualquer compreensão do ser em geral. Assim, lembramos que em Heidegger o ser não é, dá-se, acontece, é evento.

## 5. Referências

BARBOSA, M. A Noção de Ser no Mundo em Heidegger e sua aplicação na Psicopatologia. Rev. Psicologia, Ciência e Profissão. 1998. nº18. P. 2 – 13

BRANCO, G.C. in Os Filósofos. org. Pecoraro. R. Ed. Vozes, 2009, Rio de Janeiro.

CAVALCANTI, Márcia de S. Ser e Tempo. Notas explicativas da tradutora. Petrópolis: Editora Vozes

CRITELLI, Dulce Mara. Analítica do sentido. São Paulo: Educ/Brasiliense

_____. Educação e dominação cultural São Paulo: Cortez Editora.

HEIDEGGER, M. Ser e Tempo. Ed. Vozes, 13ª Edição, 2004, RJ.

_____. Sobre o Humanismo. Introdução, tradução e notas de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro; Tempo Brasileiro

_____. Que é metafísica?. Tradução de Ernildo Stein e revisão de José Geraldo N. Moutinho. São Paulo: Livraria Duas Cidades.

_____. Sobre o problema do ser, O caminho do campo. Tradução de Ernildo Stein e revisão de José Geraldo Nogueira Moutinho. São Paulo: Livraria Duas Cidades.

_____. Sobre a essência da verdade, A tese de Kant sobre o ser. Tradução de Ernildo Stein e revisão de José Geraldo Moutinho. São Paulo: Duas Cidades.

NUNES, B. Heidegger & Ser e Tempo. Jorge Zahar Editor. 2002, RJ.

PLATÃO. A República. Tradução de Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Edições de ouro.

ROGERS, C & ROSENBERG, R. A pessoa como centro. São Paulo: E.P.U. Editora Pedagógica e Universitária